

**ASPECTOS FONÉTICO-FONOLÓGICOS DO PORTUGUÊS BRASILEIRO E DO
ESPAÑHOL EM OBSERVÂNCIA DO PLANO SEGMENTAL**

**PHONETIC-PHONOLOGICAL ASPECTS OF BRAZILIAN PORTUGUESE AND
SPANISH IN COMPLIANCE WITH THE SEGMENTAL PLAN**

Luciano Mendes Saraiva*

Wilder Kleber Fernandes de Santana**

Anilda Costa Alves***

RESUMO: Este trabalho objetivou realizar uma discussão teórico-metodológica dos aspectos fonético e fonológico do Português Brasileiro (PB) e da Língua Espanhola em observância do plano segmental dos referidos idiomas. Compreende-se que conhecer os aspectos fonético-fonológicos de duas línguas em zona fronteiriça contribui significativamente para potencialização dos processos de ensino e aprendizagem dessas línguas. Assim, para composição do estudo, foram levantadas discussões com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Malmberg (1954), Gargallo (1999), Martinez (2009), Silva (2013), dentre outros. Os resultados demonstraram que a averiguação dos aspectos fonético-fonológicos desse ponto de contato comparativo entre as línguas traz rica contribuição ao processo de ensino, sendo essa uma metodologia eficaz para potencialização dos saberes que são construídos em sala de aula.

Palavras-chave: Língua Estrangeira. Aspectos fonético-fonológicos. Plano segmental.

ABSTRACT: This paper aimed to carry out a theoretical and methodological discussion of the phonetic and phonological aspects of Brazilian Portuguese (PB) and the Spanish language in compliance with the segmental plan of those languages. It is understood that knowing the phonetic-phonological aspects of two languages in the border area contributes significantly to enhancing the teaching and learning processes of these languages. Thus, for the composition of the study, discussions were raised

* Professor de Língua e Cultura Espanhola da Universidade Federal do Acre (UFAC). Doutorando em Linguística Aplicada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Letras, Linguagem e Identidade pela Universidade Federal do Acre (UFAC). E-mail: lmsaraiva@uol.com.br

** Doutorando e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Especialista em Gestão da Educação Municipal (UFPB, 2017). E-mail: wildersantana92@gmail.com

*** Doutoranda e Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística (Proling) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) com área de concentração em Sociolinguística & Dialectologia. E-mail: anildacosta16@gmail.com

based on the theoretical and methodological assumptions of Malmberg (1954), Gargallo (1999), Martinez (2009), Silva (2013), among others. The results showed that the investigation of the phonetic-phonological aspects of this comparative contact point between languages brings a rich contribution to the teaching process, being this an effective methodology for enhancing the knowledge that is built in the classroom.

Keywords: Foreign Language. Phonetic-phonological aspects. Segmental plan.

Introdução

O presente manuscrito delimitou como objetivo realizar uma discussão teórico-metodológica dos aspectos fonético e fonológico do Português Brasileiro (PB) e da Língua Espanhola, descrevendo diferenças que podem ser encontradas no processo de produção oral dos sons e, para tanto, utilizamos como parâmetro o plano segmental dos referidos idiomas. Nesse sentido, focalizamos os métodos de ensino, destacando o papel da fonética no processo de ensino e aprendizagem de uma Língua Estrangeira (LE)¹, com ênfase na abordagem comunicativa.

Conhecer os aspectos fonético-fonológicos de uma LE contribui significativamente para potencialização dos processos de ensino e aprendizagem dessa língua, pois, para além de uma aquisição fonética, esse conhecimento irá proporcionar uma melhor compreensão discursiva nas práticas de interlocução, principalmente quando se está dialogando com nativos dessa língua. Em âmbito linguístico estrutural, a Fonética é constituída como uma área descritiva, visto que descreve os sons que são produzidos pelos falantes. Sendo assim, algumas de suas aplicações são importantes para qualquer estudante de uma LE.

Nesse sentido, um dos fatores que nos impulsionaram a esta pesquisa foi a constatação de que um número considerável de estudantes brasileiros, aprendizes do espanhol, apresentam vários problemas na pronúncia de determinados sons da língua em estudo (BRISOLARA; SEMINO, 2014). Esses problemas, segundo Brisolara e Semino (2014, p. 15), evidenciam que a maioria desses estudantes se remetem à

1 Embora exista a problemática no uso das terminologias língua estrangeira (LE) ou segunda língua (L2), neste trabalho, não faremos distinção entre os mesmos. Assim, o uso de tais termos poderá ocorrer intercambiavelmente, fazendo referência a língua em desenvolvimento do aprendiz, diferente de sua língua materna.

escritura como uma representação fiel da pronúncia e, por isso, surge a ilusão de que o espanhol é uma língua fácil de pronunciar e que a oralidade é um reflexo da ortografia. Tal problemática desenvolve no aluno um processo de interlíngua, *portuñol*, que, muitas vezes, é difícil de ser superado, o que acaba desmotivando o aprendiz. Cabe ao professor perceber essa interferência e selecionar um manual didático adequado que contemple exercícios dos aspectos fonéticos ou adotar metodologias apropriadas para desenvolver nos alunos a competência de articular corretamente os sons da língua em estudo.

Torna-se válido mencionar que esse trabalho não é pioneiro ao procurar sustentação nos estudos fonético-fonológicos, pois pesquisas e interpretações já vêm sendo tecidas (HIRAKAWA, 2007; SOUZA, 2009; ARAÚJO, 2010). Inserimo-nos, portanto, nesse *halç* de produções sobre ensino de LE no que tange especificamente à observância do plano segmental. Nas nossas reflexões, ancoramo-nos nos pressupostos teórico-metodológicos de Malmberg (1954), Gargallo (1999), Martinez (2009), Silva (2013), dentre outros.

Em aspectos estruturais, este trabalho está dividido em três seções: a) Notas sobre a fonética e os aspectos segmentais; b) O papel da Fonética no processo de ensino e aprendizagem de LE, com ênfase na Abordagem Comunicativa e c) Descrição dos sons do Português Brasileiro e do Espanhol no Plano Segmental. Passemos, então, à primeira seção.

1 Notas sobre a Fonética e os Aspectos Segmentais

Malmberg (1954, p. 9) define a Fonética como “[...] um ramo da linguística, mas um ramo que, ao contrário dos outros, apenas se interessa pela linguagem articulada e não por outras formas de comunicação organizada (linguagem escrita, linguagem dos surdos-mudos, sinais dos marinheiros, etc.)” Desse modo, a fonética se ocupa “apenas da expressão linguística e não do conteúdo, cuja análise depende da

2 O *portuñol*, descrito por Rojas (2006, p.76), seria uma “uma mistura de língua portuguesa e espanhola, principalmente na América”.

gramática e do vocabulário (aspectos gramatical e semântico da linguagem)” (MALMBERG, 1954, p. 9).

Na concepção de Llorach (1983, p. 28), a Fonética “[...] estuda os elementos fônicos em si, em sua realidade de fenômenos físicos e fisiológicos, e explica o problema de esse ou aquele som são pronunciados, e que efeito acústico produzem...”. No entanto, o pesquisador afirma que esta “ignora por completo a relação que têm com uma significação linguística; pode se definir como a ciência do plano material e dos sons da linguagem humana³ (tradução nossa)” (LLORACH, 1983, p. 28). Por sua vez, baseada nos estudos de Câmara Jr. (1970), Silva afirma que a “fonética é a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana” (SILVA, 2013, p. 23)⁴.

Diante de tais considerações, torna-se pertinente esclarecer que os sons de uma língua estão divididos em dois planos: segmental (ponto e modo de articulação), foco de nosso estudo, e suprasegmental (acento e entonação). No que se refere ao plano segmental, Silva (2013) explica que, para produzir um som, o corpo humano utiliza uma série de órgãos que fazem parte do que denominamos aparelho fonador (ou sistema fonatório). O aparelho fonador se subdivide em dois grupos: sistema respiratório que é composto por pulmões, traqueia e brônquios e sistema articulatorio composto pela faringe, fossas nasais, palato, úvula, língua, lábios e dentes. No segundo grupo encontram-se os articuladores passivos e ativos. Os articuladores ativos têm a propriedade de movimentar-se (em direção ao articulador passivo), modificando a configuração do trato vocal. São eles: lábio inferior, língua, véu palatino e cordas vocais. Os articuladores passivos são: lábio superior, dentes superiores e céu da boca (SILVA, 2013, p. 29-31).

3 La fonética estudia los elementos fónicos en sí, en su realidad de fenómenos físicos y fisiológicos, y se plantea el problema de cómo tal sonido y tal otro son pronunciados, y qué efecto acústico producen, pero olvida por completo la relación que tienen con una significación lingüística, puede definirse como la ciencia del plano material de los sonidos del lenguaje humana.

4 As concepções Malmberg (1954), Llorach (1983) e Silva (2013) nos conduzem à interpretação de que a Fonética se preocupa em compreender o processo de articulação do som e, dessa forma, seu estudo é importante para o entendimento das falhas na pronúncia dos alunos, uma vez que fornecerá meios para superá-las.

Se, ao sair pelo trato bucal, o som encontra algum tipo de obstrução total ou parcial nas cavidades supraglotais, é classificado como segmento consonantal. Porém, se este som não encontra nenhum tipo de obstrução, é denominado segmento vocálico (SILVA, 2013, p. 26). Esses dois segmentos fazem parte do plano segmental. Os aspectos segmentais, que se sucedem em uma sequência da fala, se unem e formam o acento e a entonação, denominados elementos suprasegmentais, porque são consideradas unidades maiores que o som isolado, por exemplo, a sílaba (acentos) e a oração (entonação). Assim, os planos suprasegmentais não podem aparecer sozinhos e possuem um caráter distintivo, já que permitem diferenciar significados (BOIX *et al.* 1997, p. 11) e, dessa forma, estão diretamente relacionados à pronúncia, que por sua vez, se for mal articulada, pode produzir certo grau de incompreensão para aquele que ouve. Para as especificidades desse trabalho, deter-nos-emos no aspecto segmental das línguas do PB e do Espanhol.

Após a descrição supracitada, tratamos de descrever o papel da fonética e da abordagem comunicativa no processo de ensino e aprendizagem do Espanhol, que já pressupõe o contato com o PB. Nosso intuito é discutir, teórica e metodologicamente, a importância dos aspectos linguísticos fonético e fonológico para o desenvolvimento da competência oral da língua e, principalmente, da pronúncia correta dos sons próprios da língua espanhola.

2 O papel da Fonética no processo de ensino e aprendizagem de LE, com ênfase na Abordagem Comunicativa

A abordagem comunicativa surgiu como orientação metodológica para o ensino de LE em um movimento renovador durante a década de 1970, objetivando superar as lacunas deixadas por métodos antigos (GARGALLO, 1999, p. 67- 68). Os vários intercâmbios e a construção da Comunidade Europeia criaram uma nova necessidade para o ensino de línguas estrangeiras. A partir dessa nova necessidade, surgiram novos conceitos linguísticos a respeito de que a língua possui uma função social desenvolvida a partir do ato da fala (MARTINEZ, 2009, p. 65). Assim,

A noção de ato de fala veio à luz a partir dos trabalhos de filosofia da linguagem de Austin (1962) e de Searle (1969). A partir de então, a linguagem é inicialmente percebida como um meio de agir sobre o real, e as formas linguísticas só assumem sentido em normas partilhadas (MARTINEZ, 2009, p. 67).

Dessa forma, observa-se que a abordagem comunicativa é gestada com o propósito de apresentar a língua como ferramenta comunicativa em um novo mundo que surgia a partir de novas necessidades. Essa abordagem também visava entender a comunicação como um todo e não somente no ato da fala, haja vista que o ato de se comunicar envolve várias disciplinas. Segundo Gargallo (1999, p. 68), essas disciplinas são:

- a) Psicolinguística: A aprendizagem é um processo ativo caracterizado por colocar em funcionamento as diversas estratégias de caráter cognitivo e se encontra em reestruturação constante, daí a importância das estratégias de aprendizagem e do conceito de autonomia.
- b) Etnografia da fala: Toma-se o conceito de competência comunicativa, proposto por D. Hymes e reformulado posteriormente por Canale (1983), segundo o qual o objetivo da aprendizagem repousa no sucesso de um conjunto de habilidades definidas pelas subcompetências linguística, sociolinguística, discursiva e estratégica.
- c) Pragmática: Toma-se o conceito de ato de fala proposto por J. Austin (1962, *Cómo hacer cosas con palabras*) e J. Searle (1969, *Actos de habla. Un ensayo sobre Filosofía del Lenguaje*), que vai ter uma incidência fundamental para definição do conceito de função linguística.
- d) Sociolinguística: Toma-se a ideia da variação linguística, frente ao modelo abstrato de língua difundido em décadas anteriores.
- e) Linguística: Tomam-se contribuições derivadas dos estudos de Análise do Discurso e análise da Conversação.⁵

5 a) Psicolingüística: el aprendizaje es un proceso activo caracterizado por la puesta en funcionamiento de diversas estrategias de carácter cognitivo y se encuentra en reestructuración constante, de ahí la importancia de las estrategias de aprendizaje y del concepto de *autonomía*. b) Etnografía del Habla: se toma el concepto de *competencia comunicativa*, propuesto por D. Hymes y reformulado posteriormente por Canale (1983), según el cual el objetivo del aprendizaje descansa en el logro de un conjunto de habilidades definidas por las subcompetencias lingüística, sociolingüística, discursiva y estratégica. c) Pragmática: se toma el concepto de *acto de habla* propuesta por J. Austin (1962, *Cómo hacer cosas con palabras*) y J. Searle (1969, *Actos de habla. Un ensayo sobre Filosofía del Lenguaje*), que va a tener una incidencia capital para definición del concepto de función lingüística. d) Sociolingüística: se toma la idea de la *variación lingüística*, frente al modelo abstracto de lengua difundido en décadas anteriores. e) Lingüística: se toman las aportaciones derivadas de los estudios de Análisis del Discurso y Análisis de la Conversación.

Percebe-se que a abordagem comunicativa não se restringe a uma única visão de mundo, a uma forma apenas de encarar o processo de ensino-aprendizagem. Ao contrário, ela estabelece relações com disciplinas diversas, em que enriquece o mencionado processo e a habilitação do aluno, não mais restritas a determinadas competências. De acordo com esse plano metodológico, uma atividade comunicativa é aquela que estimula o aluno a se comunicar na língua em estudo, o que não quer dizer que ele não possa utilizar sua língua materna como apoio necessário para a produção de sons, mas a prioridade está na interação comunicativa em situações reais de uso da LE. Sua proposta de ensino visa à utilização de mediadores como, por exemplo, documentos diversos, artigos de jornais, esquemas, fotos de publicidade, histórias em quadrinhos etc., que servem para desenvolver no aluno a capacidade de expressão pessoal e autonomia. Esses mediadores são indispensáveis, pois estão mais próximos do uso linguístico real (BÉRARD, 1991 *apud* MARTINEZ 2009, p. 71).

Compreende-se, então, que a abordagem comunicativa engloba as diversas funções linguísticas da língua como eixo para a aprendizagem. Destarte, a aquisição efetiva da língua, nessa concepção metodológica, inclui, além dos aspectos gramaticais, os socioculturais, os discursivos e os estratégicos (GARGALLO, 1999, p. 69). Cabe ao professor o papel de mediador nesse processo de alternâncias de conhecimento em sala de aula. Se o aluno estabelece uma comunicação com outro, e, ao produzir um discurso oral, o professor percebe um desvio de pronúncia ao ouvir a articulação de um som de uma determinada palavra, o professor deve apresentar considerações e observações para que o aluno compreenda as razões desse desvio e procure uma possível forma de corrigi-lo.

Essa metodologia foi e continua sendo de aceitação geral entre professores e investigadores da área de LE, especialmente no ensino do espanhol, em que a maioria das aulas e dos materiais didáticos produzidos entre os anos 1980 e os atuais adotava como proposta metodológica um direcionamento à abordagem comunicativa, o que gerou diversas outras aplicações para esse método com o mesmo foco, e que se adaptou ao contexto de ensino e aprendizagem de LE (GARGALLO, 1999, p. 71).

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

De acordo com Debyser (1986 *apud* MARTINEZ, 2009, p. 69), a abordagem comunicativa apresenta quatro grandes orientações, a saber:

Uma “retomada do *sentido*”, com uma “gramática nocional, gramática das noções, das ideias e da organização do sentido” e avanços mais flexíveis;

Uma “pedagogia menos repetitiva”, com menos exercícios formais em proveito “de exercícios de *comunicação* real ou simulada muito mais interativos”, porque “é comunicando que aprendemos a comunicar”;

A “centralização no aprendiz”, quando o aluno é “o agente principal de sua aprendizagem” e “o sujeito ativo e comprometido da comunicação”;

“*Aspectos sociais e pragmáticos* da comunicação” inovadores, dado que não são os saberes, mas o saber fazer diretamente tomando como “objetivo da aula”.

A partir dessas orientações, conseguimos observar as grandes contribuições da abordagem comunicativa nos dias atuais, já que a língua e a cultura passam a ser indissociáveis no contexto de comunicação real. Tais considerações serão importantes para a análise do objeto de estudo. A seguir, tratamos a fonética na abordagem comunicativa.

No que se refere ao ensino da pronúncia, muitos foram os autores que discutiram sua importância na sala de aula de LE. Gargallo (1999) história que, a partir dos anos 80, com a mudança do enfoque que priorizava a gramática no ensino de espanhol, começou a preocupação com um novo modelo de ensino que contemplasse as reais necessidades do aluno, que passava a ser de se comunicar oralmente. Autores como Cagliari (1978) defendiam ser de fundamental importância que, antes de aprender a escrever, o aluno passasse por exercícios dos aspectos fonéticos (**performance**) e reconhecimento (**ear-training**) dos sons da língua a ser estudada. Em consonância com essa ideia, Bollela (2002) destaca a importância do ensino da pronúncia nas aulas de LE, pois, segundo a autora, “ao se aprender uma língua estrangeira, o aluno entra em contato com um novo domínio sintático, semântico, lexical e fonológico, que envolve as quatro habilidades linguísticas: a audição, a fala, a leitura e a escrita”, sendo, portanto, necessário que o aluno aprenda os aspectos fonéticos da língua em estudo.

Durante muito tempo, conforme afirma Souza (2009), os professores de LE utilizavam atividades com o propósito de levar os alunos a falarem como um nativo

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

por meio de exercícios de repetição, sem dar importância para a comunicação, o que acabava por desestimular os estudantes, visto que as atividades eram desinteressantes, repetitivas e cansativas. No entanto, com o passar dos anos, como informa a autora, desenvolveu-se uma nova tendência no ensino de LE, a abordagem comunicativa, que perdura até hoje. Dentro dessa perspectiva o ensino da fonética teve seu espaço, uma vez que aumentou o interesse dos alunos por aprender a boa pronúncia. Entretanto, os cursos e métodos utilizados não obrigavam os alunos a realizarem uma pronúncia perfeita, como a de um nativo, e, segundo a autora, o objetivo principal é desenvolver nos alunos habilidades de pronúncia suficientes para efetividade da comunicação com falantes nativos” (SOUZA, 2009).

Dessa forma, percebemos que o ensino da fonética, dentro dessa abordagem teve sua importância, mas com o enfoque diferenciado, tirando o foco que outrora estava destinado à imitação da pronúncia de um nativo da língua.

De nossa parte, ainda defendemos a necessidade do ensino dos aspectos fonético-fonológicos do Espanhol, para que os alunos aprendam não somente a se comunicar, mas que o façam com fluência e inteligibilidade, articulando corretamente os sons da língua, além de serem capazes de compreender os sons pronunciados por outros interlocutores nativos do espanhol (NAVARRO; NEBOT, 2012).

Na seção seguinte é feita a descrição dos sons do PB e do Espanhol no plano segmental, destacando os traços concernentes às vogais e às consoantes. Além disso, apresentaremos possíveis desvios que podem ser produzidos por um brasileiro aprendiz do espanhol, motivados pela interferência da língua materna.

3 Descrição dos sons do Português Brasileiro e do Espanhol no Plano Segmental

Tratamos de apresentar os sons vocálicos e consonantais do português brasileiro e do espanhol, estabelecendo um diálogo entre autores que descreveram tais sons. Daremos destaque às diferenças entre os dois sistemas linguísticos, o que facilitará a compreensão dos possíveis desvios fonéticos por parte de alunos brasileiros aprendizes do Espanhol.

Cumpra enfatizar que o conhecimento dos dois sistemas é útil para o aprendiz, que poderá estabelecer comparações e compreender as razões de suas dificuldades. Nesse sentido, Brisolara e Semino (2014, p. 44) afirmam que:

No processo de aprendizagem de espanhol como língua estrangeira o estudante brasileiro emprega uma série de regras fonético-fonológicas pertencentes ao sistema vocálico de sua língua materna; por isso é importante destacar os processos que constituem marcas de sua LM e os que se devem desativar ao empregar o espanhol.⁶ (Tradução nossa).

A explicação de Brisolara e Semino remetem ao conceito de base e hábitos articulatórios, conceitos oriundos de Straka (1989). Sendo assim, é importante o aprendiz conhecer e distinguir o sistema fonético-fonológico de cada língua para que possa evitar as possíveis interferências oriundas de sua LM. Malmberg (1954), retomado por outros autores, dentre os quais citamos Callou e Leite (2003) e Silva (2013), classifica como som vocálico aquele em que ocorre a passagem livre do ar pelo sistema articulatório. Para Câmara Jr. (1970, p. 41), existem três traços distintivos que classificam as vogais: grau de abertura (alta, média fechada, média aberta e média fechada); cavidade bucal (anterior, central e posterior); segundo a posição da língua e arredondamento dos lábios (arredondado e não arredondado).

Mesmo que o português brasileiro (PB) e o espanhol sejam línguas com bases articulatórias próximas, no sistema vocálico existem diferenças importantes entre elas (REGUEIRO, 1993). De acordo com Câmara Jr. (1970, p. 41) as vogais são classificadas levando-se em consideração a sua posição quanto à sílaba tônica, isto porque “a posição tônica nos dá em sua plenitude e maior nitidez (desde que trate do registro culto formal) os traços distintivos”. Silva (2013) assinala que as vogais enquanto fonemas serão tônicas (carregam o acento primário), pretônicas (precedem a vogal tônica) e postônicas (seguem a vogal tônica). Segundo Câmara Jr. (1970) e Silva (2013), para cada uma dessas posições existe um sistema vocálico fonológico. Tais fenômenos serão descritos a seguir.

6 En el proceso de aprendizaje del español como lengua extranjera el estudiante brasileño emplea una serie de reglas fonético-fonológicas pertenecientes al sistema vocálico de su lengua materna, de ahí que es importante destacar los procesos que constituyen marcas de su LM y los que deben desactivar al emplear el español.

Para Silva (2013, p. 79) “as vogais tônicas orais são hegemonia em todas as variedades do português”. Elas estão classificadas de acordo com o quadro 1.

Quadro1: Vogais orais tônicas

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.
Alta		i			u	
Média-alta		e			o	
Média-baixa		ɛ			ɔ	
Baixa				a		

Fonte: Silva (2013, p. 79).

Na posição pretônica esse quadro se reduz para cinco vogais em decorrência da neutralização da oposição entre /e/ e /ɛ/ e entre /o/ e /ɔ/. As vogais pretônicas constam no quadro 2.

Quadro 2: Vogais orais pretônicas

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.
Alta		i			u	
Média-alta		e			o	
Baixa				a		

Fonte: Silva (2013, p. 81)

O desaparecimento da oposição distintiva entre as vogais médias dá margem a uma variação alofônica considerada forte marca de variação dialetal no Brasil. Assim, comumente, atribuem-se as realizações fechadas [e] e [o] em palavras como *pecado* [pe'kadʊ] [pɛ'kadʊ] e *horizonte* [o'rizõtʃi] [ɔ'rizõtʃi] às diferentes regiões do país, no mais da vezes, a realização fechada é considerada característica da região sul e sudeste do Brasil e a aberta do norte e nordeste.

As vogais postônicas orais, de acordo com Silva (2013), são classificadas em postônicas finais e postônicas médias. Segundo a autora,

a postônica final ocorre quando o segmento vocálico corresponde morfológicamente ao sufixo de gênero em substantivos e adjetivos e à vogal temática do verbo. São ortograficamente representados por i, e, a, o, como nas palavras júri, jure, gota, mato” e as formas verbais “(ele) come, (ela) fala, (eu) como” ilustram substantivos e verbos cuja

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

vogal postônica final é uma das vogais i, e, a, o, tais pronúncias dependem de variação dialetal (SILVA, 2013, p. 85).

Dessa forma, a pronúncia irá se modificar de acordo com a região do falante e cabe ao indivíduo definir o conjunto de sons que irá produzir. As vogais postônicas finais estão no quadro a seguir:

Quadro 3: Vogais orais postônicas finais

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.
Alta		i			u	
Baixa				e		

Fonte: Silva (2013, p. 86)

Percebe-se que houve uma redução se comparado ao número de vogais em posição pretônicas. Contudo, há que se ressaltar que alguns estudos indicam a permanência do quadro de cinco vogais nessa posição, em algumas localidades do país, como Rio Grande do Sul e Paraná. Para Silva (2013), as vogais postônicas médias ocorrem entre a vogal tônica e a vogal átona final como na palavra *ótimo* a vogal “i” ocupa a posição de vogal postônica, assim como a vogais “i” e “u” nas palavras *tráf[i]co* e *céd[u]la*, respectivamente. Dessa forma, segue o quadro com a classificação de tais vogais.

Quadro 4: Vogais orais postônicas médias

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.
Alta		i			ɨ	
Média-alta		e			-	
Baixa				e		

Fonte: Silva (2013, p. 86)

Segundo Silva (2013), no PB existe grande variação de pronúncia das vogais postônicas médias. Destas, a autora apresenta duas distribuições que ela relaciona com os estilos de falas formal e informal. No estilo formal, na maioria dos dialetos do PB, temos as vogais [i, e, a, o, u] ocorrendo postônica média. Em alguns dialetos, como, por exemplo, no Nordeste, as vogais [ɛ, ɔ] ocorrem na posição postônica medial em estilo formal. Dessa forma, haverá duas maneiras de pronunciar as vogais dessa

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

categoria, como, por exemplo, a palavra **número** poderá ser pronunciada como núm[e]ro ou núm[ɛ]ro e a palavra **perola** poderá ser pronunciada per[o]la ou per[ɔ]la.

Segundo Silva (2013, p. 91),

as vogais nasais são produzidas com o abaixamento do véu palatino permitindo que o ar penetre na cavidade nasal. O abaixamento do véu palatino altera a configuração da cavidade bucal e, portanto, a qualidade vocálica das vogais é diferente da qualidade vocálica das vogais orais correspondentes.

Apresentaremos a seguir as vogais nasais, no quadro 5.

Quadro 5: Vogais nasais do PB

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.
Alta		ĩ			ũ	
Média-alta		ẽ			õ	
Baixa					ã	

Fonte: Silva (2013, p. 91).

Regueiro (1993, p. 26) destaca que o PB possui sete fonemas vocálicos orais e cinco nasais, enquanto o espanhol conta somente com cinco fonemas orais. O autor ainda defende que “não é que não exista em espanhol certa nasalização das vogais, mas é muito leve e não tem nenhum valor fonológico”⁷(tradução nossa). O quadro vocálico do espanhol é descrito no quadro 6.

Quadro 6: Vogais do Espanhol

	Anterior		Central		Posterior	
	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.	Arred.	Não arred.
Alta		i			u	
Média-alta		e			o	
Baixa				a		

Fonte: adaptado de Regueiro (1993, p. 26)

Fazendo a comparação entre os dois sistemas, chegamos ao quadro número 7 para as vogais orais.

7 [...] no es que no exista en español cierta nasalización de las vocales, pero es que es muy leve y no tiene ningún valor fonológico.

Quadro 7 – Sistema Vocálico oral do PB e do Espanhol

	Anterior		Central		Posterior	
	Portugues	Espanhol	Portugues	Espanhol	Portugues	Espanhol
Alta	/i/	/i/			/u/	/u/
Média Fechada	/e/	/e/			/o/	/o/
Média Aberta	/ɛ/				/ɔ/	
Baixa			/a/	/a/		

Fonte: adaptado de Câmara Jr. (1970, p. 41) e Conde (2001, p. 05)

Conforme já mencionado, o português possui dois sons vocálicos orais inexistentes no espanhol, os sons médios abertos /ɛ/ e /ɔ/. Exemplo disso são as palavras do espanhol *tela* ['tela] e *foto* ['foto] que, apesar de terem a mesma grafia no português, se diferem na pronúncia *tela* ['tɛla] e *foto* ['fɔtu].

O português possui um sistema de cinco vogais nasais que são /ã, ã, ã, õ, õ/. Câmara Jr. (1970, 46) afirma que, no PB, essas vogais são pronunciadas com frequência de forma nasal, estando ou não a consoante nasal na mesma sílaba, como nas palavras *santo* ['sẽtu] e *cama* ['kẽme]. Em relação à nasalidade nas demais línguas românicas, Câmara Jr. (1970) afirma que: “[...] o que a fonética apurada registra é uma leve nasalização de uma vogal em contato com uma consoante nasal da sílaba seguinte, no mesmo vocábulo”. A nasalização vocálica aparece de maneira mais sutil na pronúncia do espanhol.

Quanto ao sistema consonantal do espanhol e suas particularidades em contraste com o do português, eis o que apresentamos a seguir. Câmara Jr. (1970) classifica como som consonantal aquele em que ocorre a obstrução total ou parcial do ar no ato da pronúncia. Esse som pode ser classificado pelo modo de articulação e pelo ponto em que é articulado.

No quadro 8, apresentaremos o sistema fonológico do PB, no 9 o do espanhol. Como as consoantes são em maior número do que as vogais e se prestam a mais variações no plano fonético, pensamos que a apresentação dos dois sistemas em dois

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

quadros separados é a forma mais didática, facilitando a compreensão das explicações subsequentes.

Antes da apresentação dos quadros, algumas definições devem ser fornecidas a respeito das classificações dos sons. Os sons podem ser classificados quanto ao modo de articulação, quanto ao ponto de articulação e quanto aos movimentos das pregas vocais.

Malmberg (1954, p. 9), e, posteriormente, Olivé (1999, p. 21), referem-se ao modo de articulação como o lugar do trato vocal onde ocorre a obstrução do ar ao pronunciar-se uma consoante. No PB e no espanhol essas obstruções podem ser classificadas como oclusivas, fricativas, nasais, vibrante simples (tepe) vibrante múltipla e laterais, descrições articulatórias que serão explicadas após os quadros 8 e 9. Com relação ao ponto de articulação no PB e no espanhol, as consoantes são classificadas como bilabiais, labiodentais, dentais, alveolares, alveolopalatais, velares. No espanhol há duas classificações a mais, interdental e glotal.

No que se refere ao papel das pregas vocais, há duas classificações do som: sonoro (vozeado) e surdo (não vozeado). De acordo com Silva (2013), o som é considerado sonoro quando, durante a produção do som a pregas vocais vibram e surdo quando não houver a vibração.

No PB os fonemas e suas classificações estão dispostos da seguinte forma:

Quadro 8 – Sistema Fonológico Consonantal do Português Brasileiro

	Bilabial	Labio Dental	Dental	Alveolar	Alvéolo Palatal	Palatal	velar
Oclusivas Surdas	/p/		/t/				/k/
Oclusivas Sonoras	/b/		/d/				/g/
Fricativas Surdas		/f/		/s/	/ʃ/		
Fricativas Sonoras		/v/		/z/	/ʒ/		
Nasais	/m/			/n/		/ɲ/	
Vibrante Simples (Tepe)				/r/			

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Vibrante Múltipla (Posterior)				/R/			
Lateral				/l/		/ʎ/	

Fonte: Adaptado de Câmara Jr. (1970, p. 41)

Passando à descrição articulatória dos fonemas do PB, eles são oclusivos quando o ar encontra obstrução total do canal bucal sendo aberto a partir de uma pequena explosão, como, por exemplo, na pronúncia do primeiro som de *padre* ['padʎ] e *bar* ['bah]. Eles são fricativos quando o ar não é completamente obstruído e o som sai friccionando os órgãos fonadores, assim como no [f] de *forma* ['fɔɦmɛ], no [s] de *senhora* [se'ɦɔrɛ] e [z] de *zelo* ['zelu].

Os sons nasais se produzem com a expulsão do ar pela cavidade nasal. É o caso de [m, n, ɲ]. Temos, como exemplos, [m] de *mundo* ['mũdu], [n] de *nada* ['nade], e [ɲ] de *lenha* ['lɛɦɛ]. A vibrante simples se dá com uma breve vibração da língua que toca os alvéolos ou a parte posterior dos dentes superiores. No PB, em geral, esse som está presente em posição intervocálica e nos grupos consonânticos denominados próprios pela gramática tradicional. Alguns exemplos são *cara* ['kare] e *preto* ['pretu].

O som “r” em PB já foi classificado como vibrante múltipla. É preferível, no entanto, referir-se ao arquifonema /R/ que, como se sabe, dá margem e diversas articulações, inclusive à vibrante múltipla. Exemplificamos com a palavra *carro*, cujo “r” é produzido, geralmente, velar ['kaɾu] e glotal ['kaɦu] e com a palavra *mar* em que a variação do “r” é ainda maior: vibrante simples ['mar], vibrante múltipla ['mar], velar ['max], glotal ['mah], retroflexa ['maɰ], dentre outras possibilidades. Os sons laterais são produzidos com a língua na parte superior da cavidade bucal e o ar sai pelas laterais. É o caso de [l] e de [ʎ] no PB, como nos exemplos *lira* ['lire] e *galhofa* [ga'ɦɔɦɛ]. No que tange aos pontos de articulação, o lugar da boca onde ocorre a obstrução do ar, os sons bilabiais /p, b, m/ se dão com a junção dos lábios inferiores e superiores. Temos como exemplos o [b] de *bata* ['bate], o [p] de *pulo* ['pulu] e o [m] de *medo* ['medu]. O som é labiodental quando os dentes superiores se aproximam do lábio inferior. É o caso de [f] e [v] em *faca* ['fakɛ] e *vaca* ['vakɛ].

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Os sons oclusivos dentais “t” e “d” acontecem com o toque da ponta da língua nos alvéolos ou na parte posterior dos incisivos superiores. Eles estão presentes em palavras como *tatu* [ˈtaˈtu] e *dado* [ˈdadu]. Na maior parte das regiões do Brasil, “t” e “d” se palatalizam ou se fricativizam diante do segmento vocálico [i]. É o caso da pronúncia africada do /t/ e do /d/ em *tia* [ˈtʃiɐ] e *día* [ˈdʒiɐ]. Para a produção desses sons africados a passagem do ar está fechada, mas, ao sair, há uma fricção, ocorrendo, assim, um som oclusivo no início e fricativo no término.

São ainda, alveolares, “s”, “z”, “n”, tendo como exemplos respectivos os sons iniciais de *sala* [ˈsale], *senzala* [sẽˈzale.] e *nada* [ˈnade]. Os sons alveolopalatais ocorrem com a ponta da língua batendo no início do palato duro, como nos exemplos *chá* [ˈʃa] e *já* [ˈʒa]. Por sua vez, as articulações velares ocorrem quando a parte posterior da língua toca ou se aproxima do véu palatino. É o caso de [k] e [g] em *cala* [ˈkale] e *gula* [ˈgule].

Vejamos no quadro 9, o sistema consonântico do espanhol seguido da descrição fonética.

Quadro 9 – Sistema Fonológico Consonantal do Espanhol

	Bilabial	Labio Dental	Dental	Inter Dental	Alveolar	Alvéolo Palatal	Palatal	Velar
Oclusivas Surdas	/p/		/t/					/k/
Oclusivas Sonoras	/b/		/d/					/g/
Fricativas Surdas		/f/		/θ/	/s/		/dʒ/	/x/
Africada							/tʃ/	
Nasais	/m/				/n/		/ɲ/	
Vibrante Simples (Tebe)					/r/			
Vibrante Sonora					/R/			
Laterais					/l/		/ʎ/	

Fonte: Adaptado de Quilis (1998, p. 26)

Tendo em vista que as definições gerais (modo e ponto de articulação), já foram apresentadas, colocaremos apenas as classificações e os exemplos. Conceitos serão

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

dados apenas em casos em que não ocorrerem no PB. Dessa forma, a descrição em espanhol, de acordo com Regueiro (1993, p. 6), é:

- Bilabiais oclusivas: /p, b/, que ocorrem em palavras como pájaro ['paxaru] e bala ['bale]; - Oclusivas alveolares: /t, d/, tendo por exemplos tipo ['tipu] e papel [pa'pet]; - Oclusivas velares: /k, g/, exemplificados em casa [ka'zæ] e gata ['gate]; - Fricativa labiodental: /f/, por exemplo na palavra forma ['fohme]; - Fricativa alveolar: /s/ em señora [se'ñoɾe]; - Fricativa velar: /x/, se apresenta em espanhol com o “j” antes das vogais a, e, i, o, u e “g” das vogais e, i, como nas palavras jaqueca [xa'keke], jeringa [xe'rĩge], jirafa [xi'rafe], joroba [xo'robe], jubilación [xubila'siõ], gesto ['xestu] e girasol [xira'sot]. - Fricativa interdental: /θ/, como por exemplo, a palavra zapato [θa'pato]⁸.

A respeito desse fonema, Regueiro (1993, p. 15) afirma que “se articula como pré-dorsal fricativo surdo (com variantes em países distintos) com um som muito parecido ao que em português representa com “ç”. Esse fenômeno é conhecido pelo nome de *seseo*”⁹ (tradução nossa).

- Africada: /tʃ/ como no som inicial da palavra *chino* ['tʃinu];
- Nasal bilabial: /m/, por exemplo *amigo* [a'migu];
- Nasal alveolar: /n/ *nada* ['nade];
- Nasal palatal: /ɲ/ *araña* [a'rãɲe];
- Vibrante: podemos exemplificar na posição simples como na palavra *cara* ['kare] ou de forma dupla como em *marra* ['maɲe];
- Lateral alveolar: como na palavra *cala* ['kale];
- Lateral palatal: o dígrafo “ll” do espanhol, como na palavra *calla* ['kaʎe].

De acordo com Silva (2013), o PB apresenta dois pontos de articulação a mais que a língua espanhola, a saber: o alveolopalatal /ʃ/, /ʒ/ quando a parte anterior da língua toca a parte medial do palato duro, já descrito anteriormente e o glotal /h/, um dos alofones de /R/, produzido quando os músculos de ligamentos da glote funcionam como articuladores. É o caso da palavra *rata*, na pronúncia típica do dialeto de Belo Horizonte (SILVA, 2013, p. 32).

8 Transcrição fonética de Brisolara e Semino (2014, p. 22).

9 [...] se articula de como predorsal fricativo surdo (con variantes según los países) con un sonido muy parecido al que en portugués se representa con ç. A este fenómeno se lo conoce con el nombre seseo.

DIÁLOGO E INTERAÇÃO

Ao observar os quadros do sistema consonantal do PB e do Espanhol, podemos verificar as diferenças existentes nas duas línguas, que podem levar a possíveis interferências na pronúncia dos alunos brasileiros aprendizes do espanhol. Assim como as vogais, no processo de aprendizagem das consoantes, podem ocorrer transferências de uma língua para a outra, o que podem produzir alguns desvios. Por exemplo, a pronúncia dos sons dentais /t/ e /d/ nas palavras **tía** e **día** do espanhol, que, geralmente os alunos brasileiros, devido à influência do português, tendem a palatalizar produzindo [tʃ]ia e [dʒ]ia.

O espanhol possui uma grande variação fonética motivada pelo regionalismo e é necessário que o aluno conheça e compreenda essa variação, pois, em espanhol o som de /z/ se transcreve “θ” como na palavra **zorro** [θóro]¹⁰ porque se pronuncia em posição linguodental. Porém, há regiões da América Latina em que esse som interdental é pronunciado com o som de /s/, e nesse caso, a transcrição seria [sóro]¹¹.

Considerações finais

Neste trabalho, foi nosso propósito realizar uma discussão teórico-metodológica dos aspectos fonético e fonológico do Português Brasileiro e do Espanhol em observância do plano segmental dos referidos idiomas. Com base em tais observações, ao constatar as divergências encontradas em ambos os sistemas, comprova-se a importância de explicitar, tendo como suporte a fonética, as diferenças sonoras encontradas entre o PB e o espanhol, visto que, ao não ter conhecimento de tais distinções, há maiores chances de comprometer o processo comunicativo do aprendiz, em termos de produção e percepção.

Conforme vimos, apesar de o espanhol apresentar semelhança sonora com o PB, há distinções significativas em sua estrutura consonantal e vocálica, tais como a fricativa interdental não vozeada /θ/, que existe no espanhol e não compõe o sistema fonológico do PB e, ainda, em relação aos sons vocálicos, as vogais médias abertas /ɛ/ e /ɔ/, existentes no PB e ausentes no espanhol. Assim, mostra-se relevante tornar

10 Transcrição fonética de Regueiro (1993, p. 15).

11 Transcrição fonética de Regueiro (1993, p. 15).

esse conhecimento explícito para o aprendiz, para que o mesmo tenha condições de compreender a natureza de sua própria dificuldade e assim, tenha maiores chances de obter sucesso durante o processo de ensino e aprendizagem na LE.

Destacamos também a abordagem comunicativa como meio de levar esse conhecimento ao aprendiz, visto que compreender tais aspectos por meio de situações comunicativas reais, em detrimento de atividades puramente mecânicas, contribui para resultados mais eficazes. Assim, o professor, com auxílio do conhecimento fonético, pode criar estratégias para que o aprendiz use a língua-alvo e, ao mesmo tempo, chama sua atenção para as distinções entre aspectos fonético-fonológicos de ambos os sistemas, sobretudo aqueles que podem comprometer a inteligibilidade.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Leticia Maria Martins et al.; Ensino da Língua Inglesa: contribuições da fonética, fonologia e do processamento auditivo. **PróFono Revista de Atualização Científica**. Volume 22, Número 3, 2010, p. 183-188.

BOIX, Argimiro. et al. **Manual de lengua española**. 6ª edición. Barcelona: Teide, 2009.

BOLLELA, Maria Flávia de Figueiredo Pereira. Uma proposta de ensino de pronúncia da língua inglesa com ênfase nos processos rítmicos de redução vocálica. 2002. **Tese** (Doutorado em Letras) -- Programa de Pós-graduação em Linguística e Língua Portuguesa, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Araraquara, 2002.

BRISOLARA, Luciene Bassols; SEMINO, María Josefina Israel. **¿Cómo pronunciar el español?** La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: ejercicios prácticos. Campinas: Pontes Editores, 2014.

CALLOU, Dinah; LEITE, Yonne. **Iniciação à fonética e à fonologia**. 9 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

CAMARA JR., Joaquim Mattoso. **Estrutura da Língua Portuguesa**. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1970.

GARGALLO, Santos Isabel. **Lingüística Aplicada a la Enseñanza-Aprendizaje del Español como Lengua Extranjera**. Madrid: Arco, 1999.

HIRAKAWA, Daniela Akie. A fonética e o ensino-aprendizagem de Línguas Estrangeiras: teorias e práticas. **Dissertação** (Mestrado em Letras). São Paulo: Universidade de São Paulo, 2007.

LLORACH, Emilio Alarcos. **Fonología Española**. 4. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1983.

MALMBERG, Bertil. **A fonética**: no mundo dos sons da linguagem. Lisboa: Livros do Brasil, 1954. (Tradução por Oliveira Figueiredo)

MARTINEZ, Pierre. **Didática de línguas estrangeiras**. Tradução Marco Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

NAVARRO, Antonio Hidalgo; NEBOT Adrián Cabedo. **La enseñanza de la entonación en el aula de E/LE**. Madrid: Arco Libros, 2012.

QUILIS, Antonio. **Principios de fonología y fonética españolas**. Madrid: Arco Libre, 1998.

REGUEIRO, Miguel Ángel Valmaseda. **Orientaciones para la enseñanza de la pronunciación en la clase de español como lengua extranjera**. Uruguay: Oltaver, 1993. Coleção Complementos.

ROJAS, Juan Pedro. Processo de fossilização na interlíngua de hispanofalantes aprendizes de português no Brasil: acomodação consentida? **Dissertação** (Mestrado em Linguística Aplicada). Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

SILVA, Thaïs Cristóforo. **Fonética e fonologia do português**: roteiro de estudos e guia de exercícios. 10 ed. São Paulo: Contexto, 2013.

SOUZA, Marcela Ortiz Pagoto de. A fonética como importante componente comunicativo para o ensino de Língua Estrangeira. **Revista ProLíngua**. Volume 2 Número 1, 2009, p. 33-42.

Recebido em: 21/05/2020.

Aprovado em: 07/09/2020.